

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
DCSO - Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

LARISSA YLIÁ ZAGO RONCON
MAYARA FERNANDA DE CASTRO DA SILVA
RENAN LUIS MORAES

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM
Desconstruindo Amélia

Bauru
2015

**LARISSA YLIÁ ZAGO RONCON
MAYARA FERNANDA DE CASTRO DA SILVA
RENAN LUIS MORAES**

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

Desconstruindo Amélia

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista (UNESP), para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho

**Bauru
2015**

LARISSA YLIÁ ZAGO RONCON
MAYARA FERNANDA DE CASTRO DA SILVA
RENAN LUIS MORAES

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM
Desconstruindo Amélia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho
Orientador

Prof.^a Dr.^a Angela Maria Grossi de Carvalho
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof.^a Dr.^a Eliza Bachega Casadei
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos pais, que propiciaram nossa caminhada até aqui e estiveram presentes em todos os momentos difíceis de nossas vidas. Agradecemos, também, aos nossos parceiros e amigos, Felipe, Letícia, Rossley, Suelen, Ana e Tamyres, que tornaram essa jornada mais leve.

Ao Professor Doutor Claudio Bertolli Filho, por ter acreditado em nossas ideias e orientado nossos passos para a construção deste projeto. Também às nossas entrevistadas, que nos permitiram fazer parte de suas vidas e, com suas peculiaridades, moldaram o *Desconstruindo Amélia* de maneira especial e única.

Ao Wilian Olivato, que nos presenteou com dicas importantes em relação à fotografia. Ao Lucas Yuji Honma, responsável pela diagramação e ilustração do livro, que colocou nossas ideias no papel e deu forma aos nossos sonhos.

E, por fim, à Universidade Estadual Paulista (UNESP) e toda sua equipe, que nos acolheu há cerca de quatro anos e meio e nos transformou das mais diversas formas.

Sem vocês, não teríamos chegado até aqui. Muito obrigado!

RESUMO

Mesmo com a conquista de diversos direitos ao longo da história, a sociedade continua cobrando da mulher a aderência a um modelo de vida representado pelo matrimônio, filhos e submissão ao marido. Tendo como base o conceito de Amélia, que corresponde à esposa que abdica de sua individualidade em prol da família e do lar, produzimos um livro-reportagem que traz histórias de mulheres que, por diferentes razões, não correspondem às expectativas da sociedade ao não seguirem esse modelo. O livro tem como principal objetivo mostrar como as transgressões ao paradigma da mulher Amélia podem fomentar a discussão acerca do papel da mulher na sociedade. No presente relatório, trazemos o memorial sobre a produção da obra, do seu início à fase final.

Palavras-chave: Amélia; Mulher; Feminismo; Jornalismo; Livro-reportagem

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. O PROJETO	9
2.1 PROBLEMA.....	9
2.2 JUSTIFICATIVA.....	9
2.3 OBJETIVOS.....	10
2.3.1 Objetivos gerais	10
2.3.2 Objetivos específicos	10
2.4 METODOLOGIA	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1 A SOCIEDADE E A MULHER	12
3.2 PERFIL E LIVRO-REPORTAGEM	15
3.3 ETNOGRAFIA: A INSERÇÃO DO JORNALISTA NO CAMPO.....	18
4. O LIVRO-REPORTAGEM.....	20
4.1 ESCOLHA DO FORMATO E GÊNERO TEXTUAL DO PRODUTO	20
4.2 PROJETO EDITORIAL.....	20
4.2.1 Escolha do título.....	21
4.2.2 Escolha da arte para a capa.....	21
4.2.3 Escolha do papel e da cor das fotos.....	22
4.2.4 Especificações técnicas para o corpo do texto	23
4.3 A LINGUAGEM.....	23
4.4 O PÚBLICO-ALVO	24
4.5 BUSCA E ESCOLHA DAS FONTES	24
4.6 O PROCESSO DE PRODUÇÃO	27
4.7 CAPTAÇÃO E ESCOLHA DAS IMAGENS.....	28
4.8 CUSTOS DO PROJETO.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29

REFERÊNCIAS..... 31

ANEXO 33

1 INTRODUÇÃO

“Ai, meu Deus, que saudade da Amélia. Aquilo sim é que era mulher. Às vezes passava fome ao meu lado, e achava bonito não ter o que comer. E quando me via contrariado, dizia: Meu filho, que se há de fazer. Amélia não tinha a menor vaidade, Amélia é que era mulher de verdade”. Esse trecho da música “Ai que saudades da Amélia” (1941), dos compositores Mário Lago e Ataulfo Alves, exemplifica um estereótipo recorrente em nossa sociedade: o da mulher Amélia, ou seja, aquela sem grandes vaidades, com a vida focada no lar e nos filhos e sem poder ativo na vida conjugal.

De acordo com Maria Angela D’Incao (2006), o papel da mulher como submissa e subserviente ao homem se consolidou no Brasil no século XIX, durante a ascensão da burguesia. Nesse período, o homem ocupava o ápice da escala de importância na família, já que era o provedor do lar. O modelo de mulher exigido a partir daquela época é o da esposa perfeita, que realiza todas as tarefas domésticas e é totalmente voltada aos interesses e necessidades do homem, deixando a sua individualidade em segundo plano. Além disso, a mulher funcionava como uma espécie de troféu a ser exibido pelo homem para a sociedade e, dessa forma, tinha que apresentar sua imagem e conduta sempre impecáveis.

Presenciamos ainda nesse período [de ascensão da burguesia] o nascimento de uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade. Um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor, filhos educados e esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo representavam o ideal de retidão e probidade, um tesouro social imprescindível. (D’INCAO, 2006, p.223)

Esse modelo é cobrado até os dias de hoje e é comum que, quando um casal tem uma filha, antes mesmo do nascimento, os pais já comprem o enxoval rosa. Quando criança, a menina quase sempre tem como principal brinquedo uma boneca. Na adolescência, ela é ensinada a “se dar ao respeito” e tomar cuidado com as roupas que veste para não sofrer determinados abusos. A mulher, portanto, recebe uma série de moldagens e/ou imposições para ser aceita na vida em sociedade. Simone de Beauvoir (1960), inclusive, postula no início de sua obra *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos* que “não se nasce mulher, torna-se”.

Essa educação modeladora que a mulher recebe na infância abre espaço para a construção do ser Amélia, já que é nessa fase inicial da vida que ela começa a ser alvo da dominação masculina. Nessa concepção, atitudes machistas e misóginas também modelam o “ser mulher” e ferem a autonomia individual em detrimento do que é esperado para aquele sexo.

O livro-reportagem produzido aborda questões acerca do cotidiano de mulheres que, por escolha ou não, tomaram caminhos diferentes do que era esperado para elas. Mulheres essas que denominamos não Amélias. Nesse caminho, elas se depararam inconscientemente - ou não - com o feminismo e suas ações ajudaram a ratificá-lo, mesmo que não propositalmente. Com o relato das personagens, o objetivo do produto é mostrar que, mais do que qualquer protesto ou manifestação, as escolhas e as lutas cotidianas de mulheres que vivem à margem da tradicional imagem feminina corroboram para a quebra da opressão diária vivida por todas elas.

Simone de Beauvoir (1960), em *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*, discute a dominação masculina, que é alimentada desde a infância do ser humano. Bastante enraizada, ela acaba por colocar o sexo feminino como um suporte ao masculino no que se refere à vida cotidiana de forma tão articulada que faz com que as próprias mulheres concordem com isso.

Pondo-se como soberano, ele encontra a cumplicidade da própria mulher, porque ela é também um existente, ela é habitada pela transcendência e seu projeto não está na repetição e sim na sua superação em vista de um futuro diferente; ela acha no fundo de seu ser a confirmação das pretensões masculinas. (BEAUVOIR, 1960, p.85)

A hipótese que serviu de premissa para a confecção do livro-reportagem foi a de que as entrevistadas têm vidas comuns, são felizes e não se sentem “menos mulheres” apenas porque estão fora dos padrões estipulados pela sociedade. Quanto às hipóteses secundárias, a primeira foi a de que, com o livro, é possível mostrar que a ruptura de padrão causada pelas não Amélias eventualmente ocorre de forma natural, já que elas podem ter sido pressionadas por padrões arcaicos ou simplesmente ter escolhido o seu estilo de vida sem interferências externas. Já a segunda, foi a de que o livro-reportagem pode vir a contribuir, mesmo que minimamente, com o questionamento ao pensamento machista de que a mulher não

deve ter autonomia sobre a sua vida, ideia que está bastante enraizada também no meio feminino.

2 O PROJETO

2.1 Problema

O problema de pesquisa consiste na seguinte questão: “O que levou as personagens retratadas a não serem Amélias?”. A resposta de cada uma das seis entrevistadas é o principal elemento constituinte dos perfis que compõe o livro-reportagem. Levamos em consideração, portanto, a ideia de que o “ser mulher” é um padrão construído previamente e perpetuado por modelos patriarcais, buscando entender por que várias pessoas do sexo feminino fogem a essa regra.

2.2 Justificativa

Em décadas de luta, a mulher conquistou diversos direitos: estudar, votar, se divorciar etc. Porém, a busca pela independência, pelo direito ao próprio corpo e pelo fim do preconceito de gênero continua e parece estar longe do fim. Afinal, a sociedade, por mais que tenha evoluído, permanece cobrando da mulher do século XXI o mesmo papel. Ela pode ter sua profissão e ser independente, mas a obrigação de criar os filhos e cuidar da casa ainda é, majoritariamente, dela. Em muitos casos, até a culpa de uma violência sofrida é à ela atribuída, ato que é justificado, normalmente, pela vítima não seguir o modelo social pré-estabelecido. Esse é apenas um exemplo dos inúmeros pontos que compõem o preconceito de gênero.

Sabendo dessa problemática, o tema foi escolhido porque a discussão do papel da mulher e as transgressões deste são relevantes e necessárias diante da situação opressiva em que ela se encontra na sociedade. Nesse sentido, a imprensa pode funcionar como importante aliada na formulação desse debate, pois se constitui como uma poderosa ferramenta de transformação social. De acordo com Max Weber,

A imprensa introduz, sem dúvida, deslocamentos poderosos nos hábitos de leitura e com isso provoca poderosas modificações na

conformação, no modo e na maneira como o homem capta e interpreta o mundo exterior. (WEBER, 2002, p.55)

O livro-reportagem, portanto, tem a função de alertar os leitores para o fato de que não existe uma única forma de ser mulher e que ela não deve seguir um modelo pré-estabelecido para a sua vida; além de informar que, quando há essa cobrança, ela acaba sendo alvo de preconceitos devido à falta de informação da maioria das pessoas.

2.3 Objetivos

2.3.1 Objetivo geral

Contar, por meio de um livro-reportagem, histórias de mulheres que têm um comportamento diferente do que o senso comum espera ou determina para elas.

2.3.2 Objetivos Específicos

- Mostrar, a partir de alguns exemplos, como é a vida das chamadas não Amélias e como essa especificidade afeta seu cotidiano;
- Propor a reflexão sobre a realidade à qual a mulher não tradicional está inserida;
- Promover um espaço para representá-la na mídia, com o intuito de desmistificar o que é tido como o seu real papel na sociedade;
- Mostrar o tema feminismo vivenciado na prática por pessoas que normalmente não têm o aporte teórico e/ou de militância, a fim de evidenciar que a visão da década de 1960 (quando a ideologia feminista era caracterizada pelo radicalismo) foi superada e, agora, a luta também é feita por meio de pequenos gestos e escolhas;

- Contribuir para a formação de um olhar mais crítico sobre a situação da mulher como sujeito social;

- Sensibilizar o leitor para as cobranças que muitas mulheres sofrem e/ou sofreram pelo simples fato de serem quem são e mostrar como a sociedade patriarcal pode gerar desde manifestações claramente machistas até atitudes discriminatórias e violentas, as quais deixam sequelas para o resto da vida de quem as sofre.

- Por meio de fotografias, retratar as entrevistadas e tentar ao máximo humanizar suas histórias;

- Exercitar as técnicas jornalísticas aprendidas durante a graduação, especificamente as do jornalismo literário.

2.4 Metodologia

Adotamos o método de abordagem indutivo, já que pretendemos ratificar que, apesar de as entrevistadas não se encaixarem no modelo de mulher Amélia, elas são tão mulheres quanto as outras e que este é um padrão excludente e machista da nossa sociedade.

Em relação ao quesito técnica, realizamos as entrevistas no contexto de “história oral de vida”, conceito este proposto por José Carlos Sebe Bom Meihy. Esse método permitiu que entendêssemos melhor o estilo de vida do grupo aqui denominado não Amélias.

História oral é um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. Ela sempre é uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. (MEIHY, 1998, p.25)

Sabendo que a entrevista é uma técnica de interação social, de interpretação de informações e que possibilita considerar a pluralidade de vozes (MEDINA, 2002), adotamos o estilo de diálogo para, dessa forma, obter informações que não seriam

absorvidas se adotássemos um estilo tradicional, como é o caso do popular ping-pong.

Desenvolver a técnica da entrevista nas suas virtudes dialógicas não significa uma atitude idealista. No cotidiano do homem contemporâneo há espaço para o diálogo possível. Estão aí experiências ou exceções à regra que provam o grau de concretização da entrevista na comunicação coletiva. Sua maior ou menor *comunicação* está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como o outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, p. 7, 2002)

Quanto aos métodos de procedimento, o primeiro utilizado foi o exploratório, para que houvesse certa “familiaridade” com os temas e pessoas a serem abordados. Antes de partir para a pesquisa definitiva, nos valem da exploratória para conhecer e compreender o que está por trás da história de cada uma. O segundo método foi o estudo de campo, que consiste na observação de fatos e fenômenos exatamente como ocorrem. Assim, a partir desse procedimento, pudemos contar as histórias com riqueza de detalhes, tentando não inserir ideias pré-estabelecidas sobre as personagens. Por fim, utilizamos também o método história de vida, já que, por meio dele, é possível captar o que ocorre na esfera do indivíduo, contextualizando-o no meio social. Esse método também permite que, na construção do presente, sejam inseridos recortes do passado.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A sociedade e a mulher

Cerca de 52% da população brasileira é constituída por mulheres. Muitas delas sofrem diariamente com a violência impressa em suas vidas. No Brasil, segundo dados de 2009 do PNAD/IBGE, 48% das mulheres agredidas declaram que a violência aconteceu em sua própria residência; no caso dos homens, apenas 14%

foram agredidos no mesmo local. Uma pesquisa realizada em novembro de 2014 pelo Instituto Avon, em parceria com o Data Popular, detectou que três em cada cinco mulheres jovens já sofreram violência em relacionamentos. O estudo ainda revelou que 56% dos homens admitem que já cometeram alguma dessas formas de agressão: xingou, empurrou, agrediu com palavras, deu tapa, soco, impediu de sair de casa, obrigou a fazer sexo. Também em 2014, o balanço do “Ligue 180 – Central de Atendimento à Mulher”, da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), constatou que 77% das vítimas que relatam viver em situação de violência sofrem agressões semanal ou diariamente. Além disso, em mais de 80% dos casos a violência foi cometida por homens com quem elas têm ou tiveram algum vínculo afetivo: atuais ou ex-companheiros, cônjuges, namorados ou amantes das vítimas.

Com esses dados, é possível perceber que a mulher ainda se encontra em um estado de vulnerabilidade na sociedade. Essa situação é fruto de uma construção histórica marcada pela subordinação e subserviência dela em relação ao homem. Simone de Beauvoir, no primeiro volume de *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*, reflete sobre o porquê de o mundo sempre ter pertencido aos homens e como essa hierarquia se estabeleceu. Devido às peculiaridades biológicas femininas, nos primórdios dos povos coletores, eles tiveram vantagem pela força e por desempenharem um papel de proteção. Sobre a relação de dominação entre os gêneros, a autora explica que

Quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. (BEAUVOIR, 1970, p.81)

Essa situação de submissão e inferioridade da mulher se arrastou ao longo dos anos, deixando marcas e criando estereótipos difíceis de serem superados. A tentativa de mudança de vida só aconteceu tempos depois: a necessidade latente de expandir seu universo, a Revolução Industrial, a ascensão dos grupos feministas e a descoberta de métodos anticoncepcionais permitiram à mulher, de certa forma, controlar os rumos de sua vida.

Os movimentos feministas e a descoberta de métodos anticoncepcionais favoreceram o engajamento de muitas mulheres na luta por igualdade de direitos com os homens e sua inserção no mercado de trabalho; trabalhando fora, o seu relacionamento com os filhos, casa e marido é modificado, tendo como consequência alterações na organização familiar. Também acontece de a mulher passar a dedicar mais tempo aos estudos, em função das exigências do mercado. E, com a possibilidade dos métodos anticoncepcionais o planejamento familiar torna-se uma realidade. Enfim, observam-se mudanças de valores com relação aos papéis de esposa, mãe, profissional e de estudante. (NEIVERTH; ALVES, 2003, p.229-230)

A partir de então, as mulheres conseguiram mais independência para adotar um estilo de vida diferente do padrão que até então as “escravizava” em um lar dominado pela figura do marido e dos filhos, mas, ainda assim, jamais estiveram em pé de igualdade com os homens. Agora, as opressões seriam outras, como, por exemplo, a falta de liberdade sexual e corporal. Sobre a desigualdade nas relações de gênero, Oliveira e Santos detectaram que

A dimensão da diversidade (gênero, raça, orientação sexual, dentre outras) permite-nos verificar que as mulheres estão inseridas num contexto de desigualdade que, determinado por relações sociais historicamente construídas, coloca-as em situações de subordinação e opressão, advindas seja por se apropriarem historicamente de menos poder do que os homens; seja por seu pertencimento a uma classe dominada, alheia à riqueza socialmente produzida ou, seja, ainda, por pertencer a uma raça/etnia historicamente oprimida. Acrescente-se, ainda, a orientação sexual que implica outro recorte na caracterização das formas de opressão e de violação de direitos. No universo do trabalho também prevalecem relações de desigualdade entre homens e mulheres. (OLIVEIRA; SANTOS, 2010, p.13)

Desde os primórdios, como destaca Beauvoir, a mulher foi tachada como inferior devido a sua menor habilidade física. Como “serva” do homem, quanto mais correta, perfeita e bela ela for, melhor o status dele, que a domina e tem todas essas qualidades a seu favor. Quando a mulher real, porém, vai de encontro a essa que é fruto das mais injustas construções, deixa de ser o que é para se tornar apenas sombra do que dela é esperado pela sociedade.

Assim, à existência dispersa, contingente e múltipla das mulheres, o pensamento mítico opõe o Eterno Feminino único e cristalizado; se a definição que se dá desse Eterno Feminino é contrariada pela conduta das mulheres de carne e osso, estas é que estão erradas.

Declara-se que as mulheres não são femininas e não que a feminilidade é uma entidade. (BEAUVOIR, 1970, p.299)

Quando se define qual deve ser o papel da mulher e se cria um código de conduta para o gênero feminino, automaticamente invalidamos o processo de reconhecimento dela como um ser autônomo, que vive para si e é livre de amarras sociais. O modelo de mulher Amélia, descrito pelos compositores Mário Lago e Ataulfo Alves, é um exemplo disso. Sem vontades próprias e sendo uma pessoa que dedica toda sua vida aos outros, essa mulher não se reconheceria como tal se adotasse um estilo de vida independente e livre da subserviência. Nesse sentido, as que iam contra o modelo pré-estabelecido, por nele não se encaixarem ou simplesmente não concordarem, eram automaticamente marginalizadas.

Para grande número de mulheres os caminhos da transcendência estão barrados: como não fazem nada, não se podem fazer ser; perguntam-se indefinidamente o que poderiam vir a ser, o que as leva a indagar o que são: é uma interrogação vã; se o homem malogra em descobrir essa essência secreta é muito simplesmente porque ela não existe. Mantida à margem do mundo, a mulher não pode definir-se objetivamente através desse mundo e seu mistério cobre apenas um vazio. (BEAUVOIR, 1970, p.304)

Apesar da desconstrução contínua do modelo de mulher Amélia entre o final do século XX até os dias atuais, ele ainda é cobrado de outra forma, quando, por exemplo, sexualizamos extremamente a figura feminina em campanhas publicitárias, culpabilizamos a vítima em situações de violência e não damos à mulher o direito de reconhecer uma identidade diferente e que vá contra o modelo burguês, branco, cisgênero e heterossexual. Considerando isso, as entrevistadas transgressoras que compõem o livro-reportagem servem para evidenciar que esses padrões existem, ainda são cobrados e constituem o ser mulher aos olhos do imaginário social.

3.2 Perfil e livro-reportagem

Contar histórias é o que marca o dia a dia de qualquer jornalista. De personalidades midiáticas a anônimos, este profissional se insere no cotidiano das personagens retratadas para trazer um ângulo novo, irreverente e curioso sobre a vida da fonte entrevistada. Para o *Desconstruindo Amélia*, antes mesmo de o tema

ter sido delimitado, era certo que adotaríamos o gênero perfil para o produto livro-reportagem.

O perfil permite que o jornalista deixe de lado o modelo tradicional de *hard-news* para adentrar o mundo literário, substituindo o distanciamento costumeiro por uma aproximação necessária. Essa técnica tem origens americanas e não é novidade no campo jornalístico, porém, exige certa cautela e ética por parte do profissional que, com o consentimento do entrevistado, compartilha sua vida de maneira peculiar. Um dos expoentes dessa técnica é o estadunidense Gay Talese, autor de obras aclamadas como *Fama e Anonimato* (2004). Sobre perfil, Lima explica que

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 2009, p.51-52).

Lima ainda descreve que o perfil possibilita que o autor retrate o perfilado em uma espécie de “arqueologia psicológica”, que traz à tona seus valores, motivações, receios e facetas. Constrói-se uma espécie de descrição, de análise indireta do indivíduo. Em uma entrevista, a fonte disponibiliza informações não só por meio das palavras, mas também pelo modo como fala e até pelo que deixa de dizer. Para o *Desconstruindo Amélia*, portanto, não haveria outro gênero textual que melhor representasse as nossas intenções: desmistificar aquele que deve ser o papel social da mulher por meio de pessoas que o transgridem. Por que transgridem? Como transgridem? Essa técnica nos permite expor o que esteve nas entrelinhas, o que não quis ser revelado e até aquilo que passou despercebido pela fonte, mas que chamou a atenção dos olhos e ouvidos atentos - e treinados - do jornalista.

Sergio Vilas Boas, em *Perfis e como escrevê-los*, traz um manual para aqueles que estão se valendo desse método literário. O autor apresenta uma vasta discussão sobre a aplicabilidade dos perfis e suas técnicas de execução. Sobre as vantagens de escrever um perfil e, também, suas dificuldades, Vilas Boas justifica que

Diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem

focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. (VILAS BOAS, 2003, p.13)

O caminho a ser enfrentado até chegar à versão final de um perfil é um tanto longo. Na construção do livro-reportagem, nos deparamos com questões sobre o que abordar, uma vez que a história de vida de alguém é marcada por inúmeras situações, particularidades e muitos relatos paralelos. Nesse sentido, procuramos sempre descobrir o que seria interessante para a ideia original do livro.

A possibilidade desse aprofundamento foi decisiva na hora da escolha do formato do livro, que se justifica como um material mais detalhado sobre algum tema. Um livro-reportagem, portanto, pode ser compreendido como uma extensão da reportagem, que, por si só, já é um aprofundamento da notícia. Lima ratifica essa ideia:

Entendendo a reportagem como a ampliação da notícia, a horizontalização do relato - no sentido da abordagem extensiva em termos de detalhes - e também sua verticalização - no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis -, o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse "grau de amplitude superior" pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado - quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p.26)

Com o aparato do perfil em um molde de livro-reportagem, o *Desconstruindo Amélia* cumpre seu papel ao se aproximar de seu público-alvo por meio dessa técnica literária, uma vez que retrata populares de uma forma não tão objetiva e com outro viés, e, ao mesmo tempo, apresenta o maior número possível de conteúdo, característica esta que costuma ser o diferencial de um livro.

3.3 Etnografia: a inserção do jornalista no campo

Ao definirmos o estilo editorial do *Desconstruindo Amélia*, notamos que seria interessante expor ao leitor a nossa trajetória em busca das entrevistadas e também as nossas impressões acerca do primeiro contato com cada uma. Esse modelo etnográfico, por assim dizer, permite que seja exposta uma gama maior de informações sobre o campo pesquisado, já que o pesquisador se insere nele para obter uma visão mais aprofundada sobre seu objeto de estudo. Nesse sentido, a técnica de perfil nos possibilitou expor outras nuances das fontes. No caso da profissional do sexo, por exemplo, deslocamo-nos até a rua em que trabalha e conhecemos a sua rotina, o que nos permitiu uma visão mais aprofundada do que se tivéssemos optado por entrevistá-la fora de seu ambiente de trabalho. Isso foi algo que se estendeu à maioria de nossas personagens.

Levando em consideração que o método etnográfico se refere à antropologia, notamos que, como ressalta Da Matta (1978, p. 27), ele se constitui como “uma ciência interpretativa, destinada antes de tudo, a confrontar subjetividades”. Sobre etnografia, Lago e Tonelli afirmam que

É importante considerar que a quantidade de informantes em si mesma não é relevante, assim como a representatividade a priori do grupo ou sujeito investigado. O dado particular é o ponto de partida para interpretações mais abrangentes, à medida que o sujeito/grupo é situado em seu contexto histórico e social. Conforme ressalta Fonseca (1999), o método etnográfico não se confunde com o estudo do indivíduo. Trata-se de abordar os fenômenos como fatos sociais e compreender como, em cada grupo humano, determinados comportamentos e significados são construídos, delineando suas práticas. Neste caso, a observação participante ocupa o lugar de destaque, uma vez que não é possível descobrir a relação entre os diferentes elementos da vida social através apenas dos relatos verbais, insuficientes para permitir a contextualização das informações obtidas nas entrevistas realizadas em campo (LAGO e TONELLI In: ZANELLA et al, 2006, p. 21).

A etnografia nos permitiu uma visão mais ampla do cotidiano que foi retratado pelas fontes. Não é possível construir um perfil com apenas o que nos foi dito. É preciso enxergar as entrelinhas, observar o que o discurso não diz, ver como o indivíduo está inserido na sociedade. Nessa linha de raciocínio, Vilas Boas questiona:

E o jornalista? Seria um sujeito que não sente, que não deve ou que não pode sentir? Em *O reino e o poder: Uma história do New York Times*, Gay Talese, um dos expoentes do New Journalism nos anos de 1960, nos lembra que o modo distante com que os jornalistas em geral observam o mundo lhes rouba aquela experiência mais profunda que brota do envolvimento. (VILAS BOAS, 2003, p.14)

Essa aproximação permitiu que criássemos um perfil mais identitário, autoral e que confirmássemos e reafirmássemos nossas ideias acerca da realidade das entrevistadas. O caso da transexual, por exemplo, é um deles. Sabíamos que, por morar em uma cidade muito pequena, ela vivia um preconceito ainda mais escancarado. Sabíamos, também, que ela não tinha à sua disposição qualquer suporte médico para adequar seu corpo à sua nova identidade. Esses fatos são extremamente importantes para a realidade de qualquer transexual, grupo que perde em qualidade de vida por ter pouco - ou nenhum - apoio governamental. Gina, a nossa fonte, é mais uma que sonhava em realizar a cirurgia de transgenitalização e ser chamada pelo nome social sem complicações jurídicas. Apesar de não nos ter dito isso logo no primeiro contato, pudemos notar a ineficiência do Estado para com esse grupo quando uma de suas integrantes nos relata o sofrimento que o preconceito e a discriminação provocam em sua vida. Observamos, portanto, o contexto geral que influencia o cotidiano de nossa entrevistada, e não apenas aquilo que ela havia nos dito.

Tomamos nossas não Amélias como frutos de um contexto social e histórico. Só existem as transgressoras porque existe o modelo de mulher Amélia. Elas só precisam ser desmistificadas porque existe uma ideia pré-estabelecida sobre suas vidas. Claudia Fonseca (1999, p.35) reafirma a importância de não se considerar os indivíduos como seres separados, distantes de suas realidades e condições de vida. Para ela, é preciso enxergá-los como sujeitos constituídos na cultura, em situações históricas, das quais não podem ser abstraídos. E foi esse método que adotamos ao realizar as entrevistas e também ao escrever o *Desconstruindo Amélia*. Dessa forma, a escolha da etnografia é justificada por esta promover, no campo pesquisado, a troca de subjetividades entre as perfiladas e os jornalistas.

4 O LIVRO-REPORTAGEM

4.1 Escolha do formato e gênero textual do produto

A opção por fazer um produto impresso no formato livro veio de acordo com as nossas preferências pessoais. A escolha é justificada pelo tipo de público, o modo como queríamos atendê-lo e como pretendíamos abordar o assunto. Com o livro, haveria espaço suficiente para contarmos as histórias escolhidas no tamanho necessário, com a linguagem desejada e também a possibilidade de publicar fotografias em papel especial, a fim de reproduzir sua alta qualidade.

Alguns critérios foram usados para que pudéssemos escolher o tema a ser trabalhado durante o projeto. Entre eles, a afinidade dos membros do grupo com o assunto e, principalmente, sua relevância para a sociedade. Apesar de ele ter se apresentado desafiador em um primeiro momento, foi essa constante marca de sua importância que fez com que o mesmo fosse mantido até o final.

O *Desconstruindo Amélia* surge, então, como um meio de mostrar o universo feminista longe dos paradigmas teóricos e de militância, com o intuito de elucidar a vida de mulheres que, diariamente, transgridem barreiras pelo fato de serem quem são.

Apesar de o tema constantemente se alinhar às pautas discutidas pelo feminismo, o objetivo do produto é mostrar que ser ;mulher em um contexto diferente do que é socialmente imposto já configura uma luta diária.

4.2 Projeto editorial

O projeto gráfico editorial foi desenvolvido para que, por meio dele, tudo o que quiséssemos apresentar ao longo do livro fosse de fácil percepção e grande fluidez. A cadência natural e a facilidade para leitura e compreensão foram importantes pontos pensados antes de definir como o texto e as fotos seriam projetados. Por isso, o espaçamento entre linhas, a fonte, os espaços de margem e o posicionamento dos títulos e fotos foram minuciosamente discutidos.

Para que os textos, que apresentam em média 14 páginas, não ficassem com leitura cansativa, optamos por intercalá-los com as fotos. Pelo fato de a obra trazer

narratividade e riqueza de detalhes, optamos por um ensaio fotográfico, que varia de 6 a 8 fotos para cada entrevistada. Em todos os inícios de perfis, também foi colocada uma frase destacada pela própria fonte como pertencente ao seu universo particular. O objetivo dessa epígrafe é criar afinidade entre leitor e personagem.

4.2.1 Escolha do título

O título foi escolhido seguindo os diversos critérios adotados para a elaboração de todo livro: das particularidades do tema à necessidade de atender ao apelo estético e comercial esperado. O objetivo principal era que ele tivesse um impacto instantâneo e proporcionasse tanto um “estranhamento” para quem não conhecesse o tema, como um sentimento de reconhecimento para os que já tivessem algum entendimento sobre os assuntos ali abordados. Para ambos os públicos, o objetivo era que fosse despertada a curiosidade. Por isso, as escolhas das palavras também deixam seu significado subliminar. Amélia, que é a palavra-chave do livro, já faz parte do imaginário popular quando se fala da mulher padrão. Muitas pessoas já a assimilam à figura feminina e, por isso, sua presença foi indispensável. Já a palavra “Desconstruindo” pode dar margem a mais de uma interpretação. Apesar de já fazer parte do cotidiano da militância feminista, para quem não conhece esse uso, o significado remete instantaneamente ao “desfazer-se” de algo concreto, sólido. Por isso, seu uso ligado à figura ilustrativa da capa permite várias interpretações, o que atende essencialmente ao nosso propósito, já que, se seu significado fosse explícito, poderia haver perda de interesse por determinada camada do público-alvo.

4.2.2 Escolha da arte para a capa

A arte da capa, bem como o título, foi pensada durante todo o processo de produção e concretizada apenas quando tivemos a certeza de que ela representava o livro. Assim, todos os elementos, cores e fontes foram utilizados com determinado propósito.

A começar pela representação feminina, a escolha da imagem que serviu de base para o trabalho artístico empregado tem o objetivo de retratar a mulher Amélia, um padrão, algo moldado, como são os manequins encontrados nas lojas.

O segundo passo era aplicar a "desconstrução" ao manequim. Assim, o designer imprimiu em sua ilustração a ideia de desmanche, como se a mulher estivesse se esvaindo. Essa desconstrução começa pelo topo da cabeça, justamente por ser nela onde estão armazenados os conceitos de liberdade, vivência, intelectualidade, pensamentos e escolhas.

A cor cinza foi escolhida para dar um tom de dramaticidade, de frieza, de sobriedade. Além de fazer referência às cores utilizadas no interior do livro, a sua consistência e pouca interferência com a imagem também permitem uma interpretação mais sólida do que está sendo empregado nela. Ela também combina perfeitamente com a outra cor usada, o vermelho.

A escolha de vermelho foi motivada por dois parâmetros: a histórica ligação dela com a mulher e sua sensualidade e o contraste proporcionado pelo confronto com o cinza. Em um primeiro momento, o vermelho foi testado justamente por ser uma cor que sempre está presente na construção erótica da mulher e a sua feminilidade. Ao nos valermos dela, então, queremos mostrar que as personagens descritas no livro podem, se quiserem, requisitar para si também esse atributo. Isso não fica restrito apenas à mulher padrão. O outro motivo é justamente o apelo artístico que o "casamento" entre os tons cinza e vermelho produz. O vermelho ou bordô também corroboram para destacar o que está em cinza e dar um ar de suspense, mistério, atributo constantemente buscado por nós na criação da capa.

Optamos por não usar fotos na capa porque a arte acaba por criar certa curiosidade e, além disso, propicia a identificação com qualquer mulher.

4.2.3 Escolha do papel e da cor das fotos

O papel foi escolhido principalmente para favorecer a impressão e evidenciar a qualidade de imagem das fotos. Assim, escolhemos o offset 115g fosco, que, apesar de mais grosso, não atrapalha a leitura do texto, já que não reflete brilho, o que poderia fazer com que a leitura ficasse cansativa.

Todas as fotos do livro estão em preto e branco e essa opção tem duas razões. A primeira é que, nesse estilo, as fotos ficam mais sóbrias e não tão cansativas. Além de ser um recurso artístico muito utilizado, ele também promove um olhar diferente. A segunda razão é que o preto e branco não causa uma possível distração

que pode ocorrer na foto colorida. Assim, o objetivo de mostrar o seu conteúdo é cumprido de maneira eficaz.

4.2.4 Especificações técnicas para corpo do texto

Após o teste de várias fontes, encontramos as que mais se adequavam ao nosso projeto. Para o corpo do livro, foi utilizada a Adobe Garamond Pro, 12pt, em negrito, itálico e sem recursos; para os títulos, foi utilizada a mesma fonte, mas em 18pt e em negrito. Já para a capa, foi utilizada a fonte Canter Bold para os nomes dos autores e para a palavra “Desconstruindo”; já para a palavra “Amélia”, optamos pela DJ Gross.

4.3 A linguagem

A linguagem escolhida para trabalhar o tema proposto se divide em duas etapas: a primeira é a linguagem escrita, utilizada por meio da norma culta e de maneira que explicitasse o conteúdo a ser passado, respeitasse as particularidades de cada fonte e fosse acessível a qualquer público, sem rebuscamento ou palavras de uso incomum.

A segunda linguagem explorada foi a da fotografia, que, para Flusser, é uma aliada na construção da visão que o homem vem a ter do mundo.

Vivenciar passa a ser recombinar constantemente experiências vividas através da fotografia. Conhecer passa a ser elaborar colagens fotográficas para se ter “visão de mundo”. Valorar passa a ser escolher determinadas fotografias como modelos de comportamento, recusando outras. Agir passa a ser comportar-se de acordo com a escolha. (FLUSSER, 1985, p.93)

A opção pela fotografia tem por objetivo reafirmar a proximidade que queremos criar entre nosso público e as mulheres não Amélias. Por meio dessas representações iconográficas, mostramos que, por mais diferentes que elas possam aparentar ser, na realidade, elas são mulheres como todas as outras. As fotos também foram utilizadas para sanar uma comum curiosidade que o leitor poderia ter em conhecer o que está lendo. Assim, se tratando de fatos reais, é possível se

aprofundar mais na vida das entrevistadas e isso, de certo modo, humaniza a história ainda mais.

4.4 O público-alvo

O público-alvo foi determinado de maneira ambígua, já que a motivação para a criação do projeto tem duas faces: a primeira e mais direta é a de dar voz às mulheres silenciadas pela sociedade e usar isso para criar uma sensação de reconhecimento. Sendo assim, o primeiro público-alvo esperado é o das mais diversas mulheres não Amélias que têm ou não conhecimento de sua condição marginal em relação à sociedade. Isso poderia criar um possível canal de empoderamento, já que o objetivo do livro-reportagem é legitimar suas vivências e mostrar que elas são tão dignas quanto as de qualquer outra mulher que se encaixe nos padrões sociais estabelecidos.

Em um segundo momento, o objetivo do livro é trazer as histórias de mulheres oprimidas e confrontá-las com o próprio opressor e, com isso, mostrar que essa opressão não é só o ato manifestadamente violento, mas qualquer ação que, mesmo que pequena, inferiorize um modo de vida diferente do padrão estabelecido. Logo, o nosso público-alvo dentro dessa perspectiva seriam todas as pessoas, mulheres e, principalmente, homens, que precisam mudar sua percepção quanto ao suposto papel atribuído à mulher. O objetivo desse choque é justamente causar uma possível ruptura com o machismo e o preconceito estrutural.

4.5 Busca e escolha das fontes

A primeira ideia para a escolha das fontes foi traçar quais seriam as personagens abordadas no livro. A princípio, 12 possibilidades foram apresentadas para que, após muita análise, chegássemos ao número reduzido de sete. Essa escolha foi feita a partir de dois requisitos: o desafio da entrevista para nós, para que pudéssemos aproveitar esse momento e evoluir enquanto jornalistas, e a discrepância entre as personagens, para que abordássemos o maior número de características de mulheres não Amélias possíveis. Dentre as mulheres da primeira lista, o critério de seleção foi justamente a diferença entre as histórias que

poderíamos encontrar. Assim, ficamos com a freira, a solteira convicta, a feminista, a lésbica, a profissional do sexo, a transexual e a presidiária.

Feita a seleção, começamos, então, a procurar métodos para encontrarmos pessoas que correspondessem às nossas escolhas. Um critério aderido foi o de que não entrevistaríamos ninguém que tivesse adotado ou assumido esse modelo de vivência há pouco tempo. Isso porque não queríamos que a suposta inexperiência fosse algo usado para deslegitimar nossa fonte.

Para encontrar a freira, buscamos na internet os conventos que estavam mais próximos de nós e chegamos a duas opções: a Fraternidade de Aliança Toca de Assis, em Campinas, e o Mosteiro Imaculada Conceição, em Piratininga. Pela proximidade, optamos pelo mosteiro. Logo no primeiro contato, as freiras se mostraram solícitas a participar do projeto, mas precisavam de autorização da madre-superiora. Apesar da dificuldade em entrar em contato com ela via telefone, devido aos seus vários compromissos religiosos, na primeira ligação correspondida tivemos resposta favorável ao nosso projeto. Assim, com muita facilidade marcamos a data e, no dia, Irmã Francisca estava nos esperando, sem qualquer ressalva e pronta para responder qualquer pergunta. O único distanciamento foi o imposto pela Irmandade para qualquer contato com as irmãs: havia uma grade entre nós no momento da entrevista, o que não acarretou em perda ou dano ao trabalho.

A busca pela solteira convicta foi a que nos pareceu mais difícil em um primeiro momento. Por não fazer parte de um grupo organizado e não haver associações, clubes ou locais fixos onde procurar, não conseguíamos estipular qual seria nosso método. Resolvemos, então, usar as redes sociais e o tradicional "boca a boca". Postamos sobre a nossa procura no *Facebook* e comentamos com pessoas próximas o que pretendíamos. Pela rede, várias meninas fizeram contato, mas, por serem muito jovens, não se enquadravam em nossos requisitos. No fim da primeira semana de busca, nossa fonte, Karina Rofato, demonstrou interesse em uma das postagens. A partir daí, marcamos a entrevista sem dificuldades.

A feminista foi a fonte que encontramos com maior facilidade. Por estarmos inseridos no ambiente universitário da UNESP, reconhecemos em Thamires Motta a personagem sobre a qual queríamos escrever. Sabíamos e, de certo modo, acompanhávamos sua luta na universidade. O interesse foi mútuo e ela também aceitou logo no primeiro contato.

Percebemos, então, que, quanto mais marginalizada era a característica que queríamos abordar na personagem, mais difícil era encontrar alguém que aceitasse falar sobre ela. Para encontrar a lésbica, tivemos um pouco mais de dificuldade. Também fizemos a busca em grupos do *Facebook* e por meio de amigos, mas não obtivemos sucesso. Em determinado momento, o grupo lembrou-se de "Nana Viva Vida", conhecida por fazer a segurança de festas universitárias, que logo aceitou colaborar com o grupo.

Para encontrar a profissional do sexo, resolvemos que procuraríamos pessoalmente em locais onde há prostituição em Bauru. Apesar de não ter sido a personagem mais difícil, foi a que mais nos causou apreensão. Até encontrarmos Helen*, que prontamente aceitou falar conosco, outras duas mulheres foram anteriormente convidadas para participar do projeto. A primeira agiu de maneira hostil e, de certa forma, até violenta. Além da recusa, ela também não permitiu nenhum tipo de aproximação de nossa parte, sequer para explicarmos o que, de fato, queríamos. Ao informarmos que éramos jornalistas, ela já se negou a falar. Para nós, ficou claro que aquela reação foi motivada por isso e, a partir de então, resolvemos nos apresentar como estudantes.

A segunda abordagem foi mais positiva, mas ainda não cumpria com o que esperávamos. A profissional do sexo aceitou falar conosco, com uma condição: deveríamos pagar R\$100,00 pela entrevista. Essa imposição, porém, nos fez questionar o quanto seria ético atender ou não a sua exigência. De um lado, poderíamos considerar correto, pois estávamos usando de um tempo em que ela poderia estar ganhando dinheiro. De outro, não sabíamos até onde ela contaria a verdade ou estaria acrescentando coisas para atender às nossas expectativas. Optamos por continuar procurando e, na terceira tentativa, encontramos Helen. No início, mostrou certa resistência na entrevista, não no sentido de negá-la, mas de silenciar-se em alguns aspectos, talvez pelos traumas que já sofreu. Com um pouco mais de tempo e pela forma como conduzimos a conversa, ela foi se soltando, o que acabou por resultar no trabalho final.

A última entrevista obtida com êxito foi a da transexual. Sabemos que o preconceito sofrido por esse grupo é grande e isso se refletiu diretamente nas negativas que as transexuais procuradas nos deram. Cinco pessoas foram

*Nome fictício para preservar a identidade da fonte.

procuradas e, apesar de em um primeiro momento aceitarem conversar, em seguida desistiam. Quando já tínhamos desistido de entrevistar a fonte transexual, conhecemos Gina por meio de uma colega de um integrante do grupo. Para nós, ficou claro que ela só aceitou falar porque não tinha muito conhecimento acerca de sua situação social.

A presidiária foi a única fonte que não obtivemos sucesso. Isso porque era necessário que ela tivesse um perfil específico, já que, para configurar-se essencialmente como não Amélia, era importante para nós que ela tivesse sido condenada por um crime contra a família. Essa imposição era necessária porque, sem ela, nada impediria que a personagem fosse detenta e Amélia ao mesmo tempo. A primeira negativa surgiu quando a Secretaria de Administração Penitenciária (SAP) negou a autorização para que pudéssemos entrar no presídio. A alegação da organização foi de que o nosso produto poderia, de alguma forma, prejudicar a integridade dessas mulheres. Resolvemos, então, procurar por uma ex-presidiária com as mesmas características, que já tivesse cumprido sua pena. Entramos em contato com diversos setores sociais de Bauru, inclusive a Secretaria de Bem Estar Social, o Órgão Gestor Regional e o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS). Não obtivemos êxito em nenhum dos contatos e, por fim, resolvemos não entrevistar essa personagem, uma vez que não detínhamos mais tempo e sua ausência não seria prejudicial para o livro como um todo.

4.6 O processo de produção

O processo de produção e redação dos perfis, apesar de longo e trabalhoso, foi muito prazeroso. Com habilidades diferentes para determinados aspectos, os integrantes puderam trabalhar em conjunto para construção de cada tema. Apesar de cada um ficar responsável por produzir dois perfis, todos foram editados, corrigidos e modificados para que houvesse coesão e similaridade nas escritas. Para isso, alguns critérios foram adotados, como o uso de uma linguagem mais literária, a criação detalhista de situações e a divisão dos textos em categorias, também com o objetivo de propiciar uma leitura mais dinâmica. Além disso, todos os integrantes participaram ativamente de todas as entrevistas, com o propósito de adquirir o maior número de informações possíveis e captar melhor cada detalhe.

O cuidado para que não usássemos palavras com duplo sentido ou recaíssemos em expressões de senso comum foi grande. Apesar de termos estudado para produzir conteúdos acerca do universo feminino de maneira desmistificadora, a nossa vivência até aqui poderia, despercebidamente, trazer algum preconceito invisível e estrutural para o texto. Por isso, o mesmo foi extensamente trabalhado para ser o mais limpo possível.

Outro ponto pensado cuidadosamente foi a escolha do vocabulário. Apesar de nos atermos à norma culta da Língua Portuguesa, tínhamos a preocupação de criar um livro que fosse acessível a qualquer público e, por isso, precisava ser de fácil compreensão.

Ao fim da redação dos perfis, resolvemos criar um epílogo que pudesse, de uma única vez, compilar o que, intrinsecamente, cada mulher acrescentou para o produto final e também para nós. Assim, nos utilizamos de ensaio fotográfico produzido por nós para apresentarmos esse conteúdo.

4.7 Captação e seleção das imagens

Inicialmente, o objetivo era que a captação de imagens fosse feita majoritariamente por meio de ensaios posados pelas fontes. Apesar dos cenários serem escolhidos para corroborar com suas especificidades, as fotos seriam feitas com determinado planejamento para garantir a qualidade do trabalho a ser produzido.

Com exceção de duas entrevistadas – lésbica e transexual - que acabaram ficando intimidadas pela presença da câmera durante a entrevista, todas as outras fotos foram feitas durante a coleta de dados com as fontes, já que elas já estavam em seus "ambientes naturais", o que proporcionou um resultado ainda mais revelador e íntimo do que o esperado. Com a captação das imagens durante a entrevista, é possível identificar reações a determinados assuntos e também grande naturalidade em suas construções, o que não seria obtido nos ensaios.

Em média, cada perfil é acompanhado por seis imagens, mas o número de fotos tiradas chegou a ser 20 vezes maior. A seleção baseou-se em critérios básicos para qualquer fotografia: melhor enquadramento e melhor cumprimento da ideia que queríamos retratar. Atendidos esses dois pressupostos, o "critério de desempate"

para chegarmos ao número reduzido foi o de qualidade estética. Assim, as fotos que consideramos com um apelo imagético maior entraram, em detrimento das que apenas cumpriam o seu papel de complementar o texto.

4.8 Custos do projeto

O investimento financeiro feito durante todo o trabalho foi de R\$ 910,00, sendo R\$200,00 gastos com gasolina, já que algumas das fontes entrevistadas não eram de Bauru; e o restante ficou por conta da diagramação, que custou R\$360,00, e da primeira impressão do produto, que ficou por R\$ 350,00. Não tivemos custos com material para produzir o livro, já que a câmera utilizada para as fotografias – uma Nikon D3200 – foi emprestada pelo Laboratório de Televisão do Departamento de Comunicação Social da UNESP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir o *Desconstruindo Amélia* foi uma experiência além de nossas expectativas. Quando delimitamos o nosso tema e finalmente encontramos as entrevistadas que se encaixavam no que procurávamos, tínhamos o receio de que nossa hipótese - a de que as não Amélias são felizes no caminho que lhes foi imposto ou que escolheram - talvez não fosse verdadeira para todos os casos. É difícil generalizar, mas encontramos mulheres que conseguiram provar nossa ideia inicial.

Ao longo do processo de produção, exercitamos técnicas jornalísticas aprendidas ao longo dos quatro anos de graduação, desde a escolha do tema, fechamento das pautas, interação com as entrevistadas, até a redação final do livro. Técnicas essas que só são fixadas com o exercício da produção, como é o caso do livro-reportagem.

Além disso, o *Desconstruindo Amélia* é fruto de uma formação humana e social que a universidade nos proporcionou. Nosso grupo não é formado apenas por duas mulheres que sofrem na pele as consequências do machismo, mas também por um homem que aprendeu a respeitar a dor alheia e a contribuir para que essa

ideologia seja desconstruída. Enquanto seres humanos, evoluímos enquanto víamos e ouvíamos as entrevistadas. De fato, em meio a tanto discurso moralista, paramos para refletir, desconstruir pensamentos e exercer nossa função social.

O papel do jornalista, que é dar representatividade a toda população veiculando informações de interesse público para a transformação da sociedade, nem sempre é cumprido. Dessa forma, acreditamos que pautar essas mulheres, dando espaço para que suas vidas sejam desmistificadas, foi um exercício dessa função. Muitas delas - como a profissional do sexo e a transexual - estão marginalizadas e ainda sofrem com os estereótipos propagados pela grande mídia. Mostrá-las de forma humanizada, respeitando suas identidades e peculiaridades, foi consequência de uma consciência social adquirida ao longo de anos, e que todo jornalista deveria ter. Precisamos, inclusive, quebrar nossos próprios tabus e preconceitos que, mesmo sem querer, estavam enraizados em nossa criação.

Ao longo do nosso percurso até a finalização do livro, enfrentamos algumas dificuldades. Tínhamos a ideia inicial de pautar o feminismo não pelo viés ideológico e de militância, mas sim um feminismo do dia a dia, praticado por mulheres que, muitas vezes, sequer tinham noção da existência dessa corrente ideológica. Nesse sentido, é justificada a ideia das não Amélias. Qualquer pessoa que se recuse a fazer parte desse padrão, automaticamente tem o feminismo dentro de si, mesmo que não saiba. E podemos afirmar que realmente muitas não sabiam, apenas eram.

A ideia de escrever um livro-reportagem foi bastante assustadora no começo. Várias foram as vezes em que tivemos nossas intenções questionadas, dúvidas em relação a qual caminho seguir, preocupações para não ferir de qualquer maneira a honra das entrevistadas e até receio de que o produto final não ficasse exatamente da maneira como o víamos em nossas mentes. Folhear, porém, as 176 páginas do *Desconstruindo Amélia* pela primeira vez não teve preço. O projeto se finda com sensação de dever cumprido e orgulho estampado nos olhos ansiosos de três jovens jornalistas, que, com o livro, potencializaram - e muito - a sua formação acadêmica.

RERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

_____. **O segundo sexo: Fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta** - Ensaio para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Hucitec, 1985.

FONSECA, Claudia. (1999). **Quando cada caso não é um caso**: pesquisa etnográfica e educação. Revista Brasileira de Educação, 10, p. 58-78.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. Minas Gerais: Summus, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DA MATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”**. In: NUNES, E.O. (org). A aventura Sociológica. Rio: Zahar, 1978, p.23-35.

D'INCAO, Maria Angela. Mulher e família burguesa. In: PRIORI, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006, p.223.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2004.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista - O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1998.

NEIVERTH, Isete Stibbe; ALVES, Gustavo Biasoli. **Gravidez na adolescência e mudança do papel social da mulher**. *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 2002, vol.12, n.24, pp. 229-240. ISSN 0103-863X.

SANTOS, Silvana Mara de Moraes dos; OLIVEIRA, Leidiane. **Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços**. *Rev. katálysis* [online]. 2010, vol.13, n.1, pp. 11-19. ISSN 1414-4980.

WEBER, Max. **Sociologia da imprensa: um programa de pesquisa**. São Paulo: Lua Nova, 2002.

ZANELLA, Andréa V. et All. **Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em Psicologia**. In: *Interações*, vol. XII - n.o 22, p. 11-38, jul/dez 2006.

REFERÊNCIAS ONLINE

Instituto Data Popular; Instituto Avon. **Pesquisa “Violência contra a mulher: o jovem está ligado?”**. Disponível em: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2014/12/pesquisaAVON-violencia-jovens_versao02-12-2014.pdf>. Acesso em: 29 de março de 2015.

Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Ligue 180 - Central de Atendimento à Mulher - Balanço 2014**. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2015/balanco180_2014-versaoweb.pdf>. Acesso em: 29 de março de 2015.

ANEXO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, portadora do RG _____, declaro, para os devidos fins, que aceitei participar do projeto de conclusão de curso “Desconstruindo Amélia”, dos graduandos em Comunicação Social - Jornalismo Larissa Yliá Zago Roncon, Mayara Fernanda de Castro da Silva e Renan Luis Moraes, orientados pelo Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Declaro, ainda, que minha contribuição com o projeto constitui-se na concessão de uma entrevista e de um ensaio fotográfico, os quais serão utilizados para a confecção de um livro-reportagem. Declaro, também, que estou de acordo com a possível publicação do referido livro no mercado editorial, tendo ciência de que nele sou retratada e citada. Por fim, afirmo estar ciente de que a minha participação no projeto é totalmente voluntária e de que não há riscos materiais ou psicológicos que possam surgir após a contribuição com o grupo.

Bauru, ____ de _____ de 2015.

Assinatura

Larissa Yliá Zago Roncon

Mayara Fernanda de Castro da Silva

Renan Luis Moraes

Prof. Dr. Claudio Bertolli Filho